

ABORDAGENS EMPREENDEDORAS EMERGENTES E O CONTEXTO BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA

EMERGING ENTREPRENEURIAL APPROACHES AND THE BRAZILIAN CONTEXT: A PROPOSAL FOR THEORETICAL AND PRACTICAL APPROXIMATION

Recebido em 04.04.2023 Aprovado em 27.10.2023

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.32888/cge.v11i3.57966>

João Paulo Moreira Silva

joao.msilva@live.com

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA/PUC Minas – Belo Horizonte/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-9470-2905>

Paulo Vitor Siffert

siffert.pv@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA/PUC Minas – Belo Horizonte/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2010-7991>

Liliane de Oliveira Guimarães

lilianeog@pucminas.br

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA/PUC Minas – Belo Horizonte/MG, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3346-2207>

Conceição Piedade Vale

conceicao.puc.angola.brasil@gmail.com

Graduação em Administração/PUC Minas – Belo Horizonte/MG, Brasil

Resumo

A pesquisa em empreendedorismo observou o surgimento de abordagens que desafiam a perspectiva tradicional para explicar a formação do processo empreendedor. As chamadas abordagens emergentes - *effectuation* e *bricolagem* - compreendem a atividade empreendedora como uma sequência de ações, destacando-se o contexto. Assim, este ensaio teórico argumenta que tais abordagens podem ser observadas como alternativas de análise para processos empreendedores em território nacional, endereçando também lacuna de pesquisa sobre a falta de contextualização nos estudos sobre empreendedorismo. Argumenta-se que o contexto nacional é permeado de elevada incerteza e aspectos restritivos, possibilitando que as abordagens emergentes auxiliem o fenômeno empreendedor local.

Palavras-chave: *Effectuation*. Bricolagem. Processo empreendedor. Contexto. Brasil.

Abstract

Entrepreneurship research has witnessed the emergence of approaches that challenge the traditional perspective to explain the formation of the entrepreneurial process. The so-called emerging approaches - *effectuation* and *bricolage* - understand entrepreneurial activity as a sequence of actions, highlighting the context. Thus, this theoretical essay argues that such approaches can be observed as analytical alternatives for entrepreneurial processes in the Brazilian territory, addressing also research gaps on the lack of contextualization in studies on entrepreneurship. It is argued that the national context is permeated with high uncertainty and restrictive aspects, making it possible for emerging approaches to assist in the analysis of the local entrepreneurial phenomenon.

Keywords: *Effectuation*. Bricolage. Entrepreneurial process. Context. Brazil.

Introdução

As novas abordagens para compreensão do processo empreendedor, como o *effectuation* e a bricolagem, caracterizam-se por quebrar paradigmas no estudo do empreendedorismo (Fisher, 2012; Perry, Chandler & Markov, 2012). O *effectuation* é reconhecido por condicionar as decisões dos empreendedores aos meios disponíveis em determinado período de tempo, buscando controlar situações futuras, e não as prever (Sarasvathy, 2001). Tal perspectiva é distinta da perspectiva causal – relacionada aos estudos do empreendedorismo com viés econômico, fundamentação para o *causation* –, em que as decisões do processo empreendedor têm estrutura predefinida, estabelecendo objetivos específicos que podem ser alcançados pelos empreendedores em tempo futuro (Feger, Dos, Vieira & Chemin, 2016; Hisrich, Peter, & Shepherd, 2017).

Devido à característica que privilegia a predição, a lógica *causation* parece distante de contextos que apresentam elevada incerteza (Sarasvathy, 2001) e escassez de recursos (Baker & Nelson, 2005), tal qual as economias em desenvolvimento, gerando um empreendedorismo de natureza não schumpeteriana (Lima, 2022). No geral, tais economias se caracterizam por não propiciar aos empreendedores recursos e apoio para a criação de seus empreendimentos (Cao & Shi, 2021), o que permite também as associar à bricolagem. Na perspectiva da bricolagem, os empreendedores utilizam recursos disponíveis de forma que não as previamente concebidas (Baker & Nelson, 2005), configurando-se em uma abordagem com destaque para a ação (Fisher, 2012).

As referidas abordagens – *effectuation* e bricolagem –, apesar de terem surgido na literatura temática em momentos próximos, não estão amplamente conectadas (Fisher, 2012), entretanto, não se posicionam como concorrentes. Na verdade, *causation*, *effectuation* e bricolagem são referenciadas como etapas de um processo empreendedor complexo (An, Rüling, Zheng & Zhang, 2020) e podem ser vistas atuando em conjunto (Fisher, 2012) sem antagonismo (Sarasvathy, 2001).

Sendo assim, compreender as lógicas *causation*, *effectuation* e bricolagem – suas interações e fricções, por exemplo, – como planejamento de negócio e tomada de decisão é um passo importante nesse cenário. Em relação ao contexto, reconhece-se que o analisar não é somente necessário nos estudos organizacionais (Johns, 2006), mas também nos estudos sobre empreendedorismo (Baker & Welter, 2018; Welter, 2011), e que o contexto local ocupa papel-chave na avaliação das decisões que tem como referência uma das três abordagens citadas (Hubner, Most, Wirtz & Auer, 2022), pois se evita a tentativa de uma mera replicação do “modelo Vale do Silício” em diversos locais do mundo (Welter, Baker, & Wirsching, 2019). Simultaneamente, as abordagens emergentes acabam por favorecer a valorização do empreendedor ordinário (Sarasvathy, Ramesh & Forster, 2015).

É necessário ressaltar que, atualmente, inúmeros fatores se correlacionam para formar um âmbito de elevada incerteza no Brasil. A recuperação econômica, já claudicante, foi fortemente impactada pela pandemia da Covid-19 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2020a), esta que, por sua vez, proporcionou uma digitalização forçada dos empreendimentos nacionais (IBGE, 2020b) mesmo em uma configuração de inclusão digital desigual (*Economic Commission for Latin America and the Caribbean - ECLAC*, 2022). Além disso, a própria situação de recuperação econômica iniciada após o plano nacional de vacinação atingir parte majoritária da população é posto em dúvida, uma vez que fatores econômicos externos e internos – como a inflação e variação cambial – permanecem impactando os indicadores econômicos domésticos (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, 2023). Destaca-se ainda o número de desempregados, que atingiu máximas históricas nos anos 2020. Soma-se a isso o número recorde de trabalhadores informais, que recentemente ultrapassou a marca de 40% e impactou diretamente o rendimento médio da população brasileira, atingindo o menor valor já registrado (IBGE, 2023).

Nesse sentido, este ensaio visa debater e explorar as abordagens empreendedoras emergentes – *effectuation* e bricolagem – e sua relação com a lógica tradicional – *causation* – em busca de contextualização da utilização dessas abordagens por empreendimentos e empreendedores brasileiros. Como será argumentado posteriormente, é possível reconhecer possibilidades de aproximação teórica e prática entre as abordagens citadas e o cenário nacional. Dessa forma, cogita-se que o reconhecimento, legitimação e utilização das lógicas *effectuation* e bricolagem para análise do empreendedorismo, juntamente com a lógica tradicional causal, representam

importantes fatores para o desenvolvimento de um processo empreendedor imerso nas especificidades do território nacional.

Por fim, este artigo está subdividido como se segue: após esta introdução, tem-se o referencial teórico, no qual será debatido o empreendedorismo como fenômeno contextual e as abordagens emergentes que buscam explicar o processo empreendedor. Na terceira seção são levantadas possibilidades de aproximação teórica entre as abordagens emergentes e o estudo do empreendedorismo, focando-se no cenário nacional. Já na quarta seção argumenta-se que as referidas abordagens também podem ser aproximadas de forma aplicada à atividade empreendedora praticada no país. Por fim, têm-se as considerações finais, em que serão apresentadas as implicações do estudo.

Empreendedorismo e contexto

O processo empreendedor não ocorre sem a influência de muitos fatores (Welter, 2011), ou seja, a criação de um empreendimento é fruto de um processo individual e também contextual (Fritsch & Storey, 2014; McMullen & Dimov, 2013). A jornada que se inicia com uma ideia (Brush, Gieene & Hait, 2001) é operacionalizada a partir dos motivos, meios e oportunidades visualizadas e gerenciadas pelo empreendedor (McMullen & Dimov, 2013), que irá se articular com outros atores de seu entorno (Fisher, 2012; Spigel & Harrison, 2018) para a constituição de um conjunto de recursos operacionalizáveis (Brush *et al.*, 2001; Elfring & Hulsink, 2003), visando ganhos econômicos em termos individuais e sociais (McMullen & Dimov, 2013).

O contexto pode ser definido como “oportunidades e restrições situacionais que afetam a ocorrência e o significado do comportamento organizacional, bem como as relações funcionais entre as variáveis” (Johns, 2006, p. 386). Esses estímulos normalmente estão localizados em um nível de análise diferente dos atores, oferecendo restrições e oportunidades (Johns, 2018). Aspectos contextuais, por exemplo, podem diferenciar processos empreendedores que ocorrem em diferentes nações (Cao & Shi, 2021; Mair & Marti, 2009) ou até mesmo em diferentes territórios e cidades (Acs, Stam, Audretsch & O’Connor, 2017). Aspectos como a influência das instituições – formais ou informais, como modelos mentais compartilhados entre os indivíduos ou regras formais para a atividade empreendedora (Hwang & Powell, 2005) podem influenciar – e, de forma reflexiva, ser influenciados (Scott, 2013) – pela atividade empreendedora local.

Dessa forma, contextos como aqueles observados em economias em desenvolvimento, que exibem ausência de cultura empreendedora, falta de disposições legais que fomentem o empreendedorismo, escassez de recursos – como acesso a crédito e financiamento –, além de ausência de cooperação entre empreendimentos locais e organizações âncoras – como universidades e empresas privadas já estabelecidas – podem dificultar a atividade empreendedora (Cao & Shi, 2021; Mair & Marti, 2009). No caso de regiões periféricas ou que estejam passando por crises econômicas, por exemplo, o empreendedor terá em sua rede social mais íntima, o núcleo familiar, o sustentáculo para o acesso a recursos (Benneworth, 2004), construindo seu empreendimento com “o que quer que esteja em mãos” (Baker & Nelson, 2005, p. 330).

No Brasil, é possível identificar as dificuldades observadas em ecossistemas empreendedores presentes em economias emergentes (Cao & Shi, 2021). Além disso, observa-se também distinção entre empreendedores que buscam realizar oportunidades percebidas e aqueles que iniciam um processo empreendedor por meio do autoemprego, usualmente compreendidos como empreendedores por oportunidade e empreendedores por necessidade (Amorós, Ciravegna, Mandakovic & Stenholm, 2019). Ademais, ressalta-se que, em território brasileiro, os indivíduos em situação socioeconômica desfavorável enfrentam maiores desafios para tornarem-se empreendedores (Vale, 2015).

Soma-se ao conturbado contexto socioeconômico o rápido avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), que contribuem para o aumento da dinamização da economia e, por conseguinte, do contexto empreendedor (Audretsch, Cunningham, Kuratko, Lehmann & Menter, 2019; Sussan & Acs, 2017), criando oportunidades para diversos tipos de empreendimentos, dificultando até mesmo uma caracterização inequívoca destes (Sahut, Iandoli & Teulon, 2021). As TICs, para além de simples mecanismos, tornaram-se também aliadas dos empreendedores locais em um âmbito pandêmico que se iniciou em março de 2020 (IBGE, 2020b), resultando em maior digitalização dos empreendimentos nacionais.

Entretanto, a recuperação dificultosa da economia, em paralelo ao cenário de crise socioeconômica e sanitária ainda constituem grande desafio aos empreendedores locais. Apesar da digitalização forçada, a segregação digital ainda é presente na região, impactando tanto o mercado de trabalho formal quanto o desenvolvimento de novos negócios (Economic... - ECLAC, 2022; World Bank, 2021). Como pontuam Sahut *et al.* (2019, p. 4), a utilização das ferramentas digitais está também “favorecendo o surgimento de novos tipos de empregos que são difíceis de classificar inequivocamente nas categorias tradicionais de emprego, autoemprego, *free-lance* ou empreendimentos orientados para o crescimento”.

Além dos aspectos contextuais mencionados, novas preocupações surgem devido a fatores relacionados ao macroambiente, como o desequilíbrio de preços (Ipea, 2023) e desequilíbrios ambientais. Em suma, a esfera nacional é de extrema incerteza para empreendedores e empregados, o que pode influenciar e impactar a recuperação da economia e desenvolvimento dos empreendimentos locais. Dessa forma, aspectos que retratem o processo empreendedor de forma integrada são demandados, priorizando a natureza dos empreendimentos em relação ao ambiente do qual fazem parte. Abordagens que tratam o processo empreendedor de forma menos direcionada, sequenciada ou puramente racional, como o *effectuation* (Sarasvathy, 2001) e a bricolagem (Baker & Nelson, 2005) podem ser citadas como processos que posicionam os empreendimentos de forma mais próxima do conjunto de fatores da localidade.

Processo empreendedor: as abordagens *causation*, *effectuation* e *bricolagem*

A estrutura central da pesquisa voltada para o fenômeno do empreendedorismo “é baseada nos modelos de tomadas de decisão racionais derivados da economia neoclássica” (Perry *et al.*, 2012, p. 1). Assim, os atores, ou indivíduos que conduzem as ações são reconhecidos como indivíduos propositivos, autônomos e afetados por poucos fatores externos. Nessa linha, os fatores externos são responsáveis por regulamentar as atividades dos indivíduos por meio de reduzido número de regras ou normas (Meyer, 2010). Ademais, para que o foco se estabeleça no indivíduo propositivo, as organizações são isoladas de seu círculo social (Battilana, Leca & Boxenbaum, 2009). Nessa ótica, a pesquisa em empreendedorismo, durante significativo período de tempo postulou que as ações empreendedoras são tomadas racionalmente, constituindo comportamentos motivados por um objetivo racional e metas planejadas, em busca de acesso a recursos e oportunidades identificadas no mercado (Fisher, 2012; Perry *et al.*, 2012).

Hisrich *et al.* (2017, p. 101) ressaltam a característica preditiva – ou racional – de um empreendedor inicial de forma enfática: “empreendedores necessitam da habilidade para reconhecer uma oportunidade de negócio”. Ainda segundo os autores, novos empreendimentos podem utilizar diferentes oportunidades, como tendências de mercado, uma vez que o empreendedor esteja presente desde o início da tendência. E alertam que surgir com uma ideia nova pode ser algo difícil. Posteriormente, definir um novo produto ou serviço será outro desafio para o empreendedor, mas que poderá ser superado compreendendo-se qual o grau de novidade ou a tecnologia utilizada na inovação.

Enfim, tais passos demonstram como a jornada empreendedora pode ser compreendida como uma sequência de fases sequenciais planejadas (Sarasvathy, 2001), em que o planejamento se torna algo frequente. Ou, como também salientam Hisrich *et al.* (2017, p. 182): “o planejamento é um processo que nunca termina para uma empresa”.

Ainda de modo geral e sequenciado para a constituição de um empreendimento, Feger *et al.* (2016, p. 1043) identificam a seguinte sequência de atividades: a) iniciação; b) preparação; c) lançamento; d) e consolidação. O relacionamento entre tais etapas e atividades demonstra o modelo sequencial e planejado de decisões que devem ser tomadas pelos empreendedores. Tal modelo pauta-se sobre uma técnica orientada a atingir objetivos previamente identificados e essa visão predomina em diversas escolas de negócios (Perry *et al.*, 2012). Sarasvathy (2001, p. 245) denomina-o de *causation*, um tipo de processo que “toma um efeito específico como dado e foca na seleção entre os meios para criar esse efeito”. Em suma, o empreendedor seleciona os meios disponíveis para obter um resultado que foi estipulado previamente, questionando-se: “o que devo fazer?” (Hubner *et al.*, 2022). Usualmente, a decisão a ser tomada é estruturada e específica (Ferreira, Guimarães, Salume & Doyle, 2022).

Entretanto, Sarasvathy (2001) questiona a aplicabilidade da lógica causal à fase inicial de um empreendimento, uma vez que os preceitos do próprio empreendedor ainda são difusos. Para tanto, Sarasvathy (2001) sugere o *effectuation*, que acabou por se tornar “uma mudança paradigmática na forma de se compreender o empreendedorismo” (Perry *et al.*, p. 1). O processo denominado de *effectuation* posiciona-se em contrapartida ao *causation*, uma vez que “toma um conjunto de meios como dado e foca na seleção entre os possíveis efeitos que podem ser criados a partir daquele conjunto de meios” (Sarasvathy, 2001, p. 245). Em outras palavras, não se trata de uma escolha entre alternativas predeterminadas, mas sim a criação de alternativas próprias. Como destaca Fisher (2012, p. 1024): “objetivos mudam, são moldados e construídos com o tempo, e algumas vezes formados ao acaso”.

Antes de se explorar a proposta do *effectuation* em profundidade, é necessário destacar que processos pautados pelo *effectuation* não devem ser tomados como melhores ou mais eficientes que processos de lógica causal (Sarasvathy, 2001). Inclusive, ambos podem ser utilizados de forma conjunta (An *et al.*, 2020; Fisher, 2012; Grégoire & Cherchem, 2020). Sarasvathy (2001) defende que processos pautados pelo *effectuation* são excelentes para a exploração de contingências, sendo recomendados em casos de muita incerteza e/ou limitação de recursos (Hubner *et al.*, 2022), em que a tomada de decisão se torna mais subjetiva (Ferreira *et al.*, 2022). Já processos que prezem pelo *causation* são úteis para a exploração de conhecimentos (Sarasvathy, 2001) e são fundamentais durante o processo empreendedor naqueles momentos em que a organização já estiver se estabelecido ou em momentos de mais estabilidade (An *et al.*, 2020; McKelvie, Chandler, DeTienne & Johansson, 2020).

A promessa do *effectuation* de se destacar quando existem condições menos favoráveis à atividade empreendedora parte da premissa de se tratar de um tipo de modo de ação (Grégoire & Cherchem, 2020), ou seja, refere-se às diferentes formas como indivíduo pode agir, a depender de seu âmbito, recursos, objetivos, aspirações e restrições que possui. Para tanto, a lógica *effectuation* no processo empreendedor opera a partir de cinco princípios: a) os meios e possibilidades para a tomada de ação; b) as perdas passíveis de serem suportadas; c) as alianças necessárias para que as incertezas sejam reduzidas; d) reflexão sobre como explorar contingências; e) e administrar um futuro que é imprevisível (Sarasvathy, 2001; *Society for Effectual Action*, 2023). No geral, os cinco princípios propostos pelo *effectuation* proporcionam flexibilidade: com menos planejamentos e predições, os custos associados às atividades tornam-se mais baixos – reduzem investimentos em atividades de concepção ou produção –, além de possibilitar que as contingências sejam tratadas de forma pouco convencional, podendo até mesmo ser exploradas de forma lucrativa (Fisher, 2012).

Dessa forma, ao iniciar o processo empreendedor, o indivíduo deve analisar o conjunto de meios que possui, questionando a si mesmo, em busca de articular variáveis próximas de si. Questões como “o que sou?”, “o que sei?” e “quem conheço?” pautam o referido início do processo de *effectuation*, formando os meios disponíveis naquele dado período de tempo (Sarasvathy & Dew, 2005). Para Sarasvathy (2003), “[...] o empreendedor efetual começa com quem ele é, com o que ele sabe e com quem ele conhece, para descobrir pelo menos um cliente ou parceiro que esteja interessado em um produto ou serviço que possa oferecer” (Sarasvathy, 2003, p. 214).

A partir dos meios disponíveis, é possível formatar os cursos de ação – “o que posso fazer?” (Sarasvathy & Dew, 2005) –, em busca de ações que possam controlar um futuro imprevisível, e não o prever, como seria natural de raciocínios derivados da lógica causal (Sarasvathy, 2001; 2003). Posteriormente, novos meios e novos objetivos surgirão, criando uma retroalimentação no processo de *effectuation* (Sarasvathy & Dew, 2005).

Mesmo sendo reconhecido como uma abordagem inovadora no campo do empreendedorismo, o estudo do *effectuation* avançou lentamente durante a primeira década após a sua publicação (Perry *et al.*, 2012). Durante a década seguinte, surgiram novos estudos sobre o tema que, além de permitirem a ampliação da teoria inicialmente proposta por Sarasvathy (2001), também trouxeram críticas e reflexões sobre a abordagem (Grégoire & Cherchem, 2020; McKelvie *et al.*, 2020). Uma das críticas à abordagem é a dificuldade em se estruturarem construtos e conceitos que representem de forma fidedigna a ação do *effectuation* - aqueles traços ou tomadas de decisão que possam ser compreendidas como particularmente específicas ao processo de *effectuation* (McKelvie *et al.*, 2020). Dessa forma, o *effectuation* esteve perto de se tornar uma generalização de quaisquer ações que não tivessem natureza racional ou linear (Grégoire & Cherchem, 2020; Hauser, Eggers & Guldenberg, 2020), vinculando a teoria a outras abordagens, como a bricolagem (An *et al.*, 2020; Baker & Nelson, 2005).

A bricolagem, por sua vez, é definida por Baker & Nelson (2005) como: “criar, aplicando combinações de recursos disponíveis para novos problemas e oportunidades”. Isso não significa que os processos pautados por bricolagem produzam soluções cobertas de imperfeições. As ações realizadas com recursos que estejam à mão podem produzir resultados inesperados (Baker & Nelson, 2005), ou “inovações surpreendentes” (Fisher, 2012). A bricolagem pode ser utilizada em ao menos cinco domínios: a) recursos físicos, como na utilização de material aparentemente sem valor; b) trabalho ou o surgimento de projetos com novos fornecedores ou clientes; c) habilidades - encorajando o uso de habilidades aparentemente amadoras ou autodidatas que não são utilizadas; d) consumidores/mercados, ao prover produtos e serviços indisponíveis caso não fossem criados via bricolagem; e) e ambiente institucional e regulatório, fruto do ato de o indivíduo ou empreendimento recusar algumas regras e normas institucionalizadas, gerando soluções que não seriam facilmente admitidas previamente (Baker & Welter, 2018; Fisher, 2012).

De forma objetiva, o uso da bricolagem pelo empreendedor aumenta as chances de sobrevivência do empreendimento durante os primeiros meses e anos de operação, na medida em que este lança mão de recursos que estão mais próximos (Stenholm & Renko, 2016).

Destaca-se que os empreendimentos formados a partir do processo de bricolagem podem alcançar crescimento, mas desde que consigam romper certa inércia após a realização de atividades e processos que utilizem recursos escassos nas formas aqui mencionadas. Projetos e atividades que sejam identificados como bricolagem podem gerar uma estagnação chamada de bricolagem paralela. A bricolagem seletiva, mais robusta que sua contraparte, por sua vez, permite crescimento, por utilizar a bricolagem de forma seletiva, sem o reforço das diversas atividades que a utilizam. Em um período posterior, ao alcançar certa estabilização, as empresas podem até mesmo rejeitar o processo via bricolagem (Baker & Nelson, 2005; Fisher, 2012). Essa característica processual da bricolagem ocorre também com o *effectuation*. Empreendedores que optam ou necessitam utilizar uma das duas podem, em um momento posterior da jornada empreendedora, partir para processos formalizados ou mais tradicionais, como o *causation*.

An *et al.* (2020), por exemplo, realçam as diversas formas com que os empreendimentos podem mesclar ou se desenvolver ao redor das lógicas *causation*, *effectuation* ou bricolagem. Segundo os autores, as empresas podem ser criadas a partir da lógica causal e assim permanecer, mas também ser iniciadas por meio de *effectuation* e, de forma sequenciada, passar a adotar uma lógica causal no estágio de desenvolvimento do negócio (Ferreira *et al.*, 2022). O foco na lógica *effectuation* ainda durante o início da jornada empreendedora se dá devido à possibilidade de o empreendimento explorar maior número de oportunidades (An *et al.*, 2020), aproveitando-se de certa flexibilidade e possibilidade de aprendizagem por meio de ciclos curtos de retroalimentação (Sarasvathy, 2001). Os empreendimentos que decidirem pela inversão da lógica estratégica de *effectuation* para *causation* tomam tal decisão, por exemplo, a partir da percepção de menos incerteza externa em relação ao negócio e ao ambiente (An *et al.*, 2020; Ferreira *et al.*, 2022).

Em território nacional, a lógica *effectuation* surge como forma de contestação ao modelo causal predominante nas discussões sobre empreendedorismo (Gomes, Paiva Júnior & Xavier Filho, 2019; Lima, 2022), que tem como referência a economia neoclássica (Meyer, 2010), demonstrando, inclusive, como empreendedores que partilham da lógica *effectuation* se articulam por mais participação em redes (Fabris, Aoki, Machado & Carvalho, 2021). Ressalta-se que as redes de contatos servem aos empreendedores como conduítes de recursos, em níveis pessoais e organizacionais. Ademais, tanto o acesso aos recursos quanto o seu gerenciamento são distintos dependendo da etapa de amadurecimento do empreendimento (Elfring & Hulsink, 2003; Zahra, 2021), o que também sugere a interpretação de tal fenômeno sob a luz de um ângulo processual (Mcmullen & Dimov, 2013). Além disso, estudos nacionais sobre *effectuation* também se posicionam em prol de um empreendedor imerso no ambiente, relacionando-se com este de forma interativa (Gomes *et al.*, 2019), sugerindo determinação contextual.

Propostas de aproximação teórica

A lógica *effectuation* pode ser descrita como uma forma de ação (Grégoire & Cherchem, 2020) que pode ser desencadeada de maneira processual (Sarasvathy & Dew, 2005), incluindo fatores externos e uma proposta de retroalimentação das decisões que são tomadas em nível organizacional, estando intimamente relacionada ao

contexto local (Hubner *et al.*, 2022; Perry *et al.*, 2012). Já a bricolagem é observada de forma ainda mais prática, por meio da utilização de recursos disponíveis, mas que podem gerar novas e úteis inovações, assim como produtos e serviços que não seriam disponibilizados aos mercados (Baker & Nelson, 2005; Fisher, 2012). Ademais, ações reconhecidas como *effectuation*, *causation* ou bricolagem não são antagônicas, podendo ser reconhecidas em conjunto em determinados períodos de tempo (An *et al.*, 2020; Fisher, 2012; Hubner *et al.*, 2022).

Propõe-se, então, que estudos futuros passem a compreender ambas – lógicas *causation* e *effectuation* ou bricolagem – a partir de uma perspectiva de processo, buscando-se explicar como tal processo se manifesta ao longo do tempo (McKelvie *et al.*, 2020; Van de Ven, 2007), destacando-se a temporalidade (McMullen & Dimov, 2013; Zahra, 2021). Para tanto, propõe-se que os processos sejam observados a partir dos panoramas nos quais estão imersos (Baker & Welter, 2018; Hubner *et al.*, 2022; Welter, 2011) por meio de uma lógica de desenvolvimento de eventos em sequência (McKelvie *et al.*, 2020; Van de Ven, 2007). O interesse no desencadeamento do processo está concentrado no seu desenvolvimento ao longo de um período, focando em sequências de incidentes, atividades ou estágios durante o estudo de uma organização (Van de Ven, 2007). Toma-se como exemplo o estudo desenvolvido por Muñoz, Kimmitt & Spigel (2023), ao identificar como as práticas empreendedoras transformam a vida social das comunidades em rotinas empreendedoras, como o processo em que o ponto focal das relações sociais passa das questões próprias da comunidade para debates acerca da geração de novos empreendimentos, sustentando a provisão de recursos financeiros na localidade (Muñoz *et al.*, 2023).

Tal como articulado por Hubner *et al.* (2021), estudos que se dediquem a observar ações que demonstrem relações entre empreendimentos e as lógicas *effectuation*, *causation* e bricolagem devem analisar atividades específicas ao entorno de sua localidade. No caso de Hubner *et al.* (2021), por exemplo, mecanismos específicos aos ecossistemas empreendedores estudados influenciaram decisões e comportamentos empreendedores, principalmente em relação a cultura, redes, características de mercado e outros. Específico ao Brasil, como prelecionam Gomes *et al.*, (2019), o ambiente nacional exige ainda a discussão de um empreendedorismo como fenômeno social e interativo, partindo-se da premissa de um agente reflexivo (Meyer, 2010; Scott, 2013). Nesse sentido, uma vez que o grande sonho dos brasileiros ainda é ter o próprio negócio e que, além disso, grande parte deles se encerra devido a questões pessoais ou familiares (DataSebrae, 2023), questões específicas aos princípios da lógica *effectuation* surgem, como, por exemplo: existe limite para as perdas suportáveis que os empreendedores brasileiros podem sofrer – especialmente os empreendedores ordinários – para alcançarem o sonho de ter o próprio negócio? Para além de acesso a recursos imediatos durante o início do empreendimento, em qual medida o uso da rede próxima e familiar influencia a exploração de contingências próprias do ambiente de negócios brasileiro?

Vale ressaltar que a necessidade de uma perspectiva configurada para estudos organizacionais é recorrente, mas ainda assim não endereçada amplamente em estudos sobre empreendedorismo (Baker & Welter, 2018). Johns (2006), por exemplo, demonstra de forma clara os diversos e importantes impactos possíveis de serem causados por aspectos contextuais em estudos organizacionais, que devem ser atentados pelos pesquisadores do campo. Segundo o autor, o contexto é capaz de: a) restringir o alcance dos resultados; b) afetar taxas básicas teoricamente sólidas; c) alterar direções causais; d) inverter sinais; e) incitar efeitos curvilíneos – ou seja, alterar o efeito de determinado elemento no decorrer do tempo; f) excitar relacionamentos precários entre variáveis; g) por fim, mas não menos importante, ameaçar a validade dos estudos (Johns, 2006; 2018).

É importante também que a configuração explore as outras formas de empreendedorismo que não aquelas pleiteadas pelo “modelo do Vale do Silício”, com mais diversidade de formações organizacionais, inovações, motivações, lugares, fontes de financiamento, entre outros, que contribuem e impactam positivamente no desenvolvimento socioeconômico das regiões (Welter *et al.*, 2019). Tais linhas podem aproximar o campo de pesquisa em empreendedorismo ainda mais daquelas pessoas que desejam se tornar empreendedoras, seja por necessidade, educação ou escolha, afastadas dos modelos que observam o empreendedor como um indivíduo especial (Sarasvathy *et al.*, 2015).

Assim, tanto *effectuation* quanto bricolagem podem auxiliar na integração da pesquisa em empreendedorismo em relação aos grandes desafios atuais – *grand challenges* (Ricciardi, Rossignoli & Zardini, 2021) –, como os

ambientais, desigualdade, pobreza e outros. Como exemplos, tomam-se novamente as estatísticas nacionais (DataSebrae, 2023). Grande parcela de empreendedores iniciais afirma tomar decisões sobre o futuro de seu negócio considerando aspectos sociais (90,2%) e ambientais (91,3%). A relação entre tais ações e o início do empreendimento sob preceitos não schumpeterianos ainda carece de evidências empíricas no cenário nacional, principalmente em ambientes extremos. Recorda-se, também, que ambientes extremos também caracterizam situação ideal para a visualização da atividade empreendedora em sua faceta integradora, relacionando-se com outras áreas do conhecimento, como estudos da Psicologia e Saúde Ocupacional (Thurik, Audretsch, Block, Burke, Carree, Dejardin, Rietveld, & *et al.*, 2023), observando-se, por exemplo, o processo empreendedor como causador de males psíquicos aos próprios empreendedores (Shepherd, 2019).

Propostas de aproximação com a prática

Em relação aos aspectos práticos, a utilização da lógica *effectuation* como lente para observação do processo empreendedor pode auxiliar empreendedores e entidades que buscam fomentar a atividade empreendedora em âmbito nacional. Inicialmente, a lógica *effectuation* tem, por princípio, a utilização de recursos que estejam acessíveis (Saravathy, 2001), questionando-se a noção clássica de empreendedores com amplo acesso a recursos ainda em estágios iniciais do empreendimento (Zahra, 2021). A dificuldade de acesso a recursos é, inclusive, comum em território nacional, vide a dificuldade recorrente que os empreendedores brasileiros enfrentam em busca de recursos para seus projetos, principalmente aqueles de cunho financeiro (Inácio Júnior, Autio, Morini, Gimenez & Dionisio, 2016).

A lógica *effectuation* pode, então, atuar como fator mantenedor da aspiração empreendedora por parte dos possíveis empreendedores locais. Mesmo reconhecendo a dificuldade de acesso a recursos nos estágios iniciais, contingências são mais facilmente aceitas, propostas ou até mesmo exploradas (Fisher, 2012), como o levantamento de recursos financeiros por meio de financiamentos coletivos (Gomes *et al.*, 2019) e outras possibilidades geradas pela maior amplitude das ferramentas tecnológicas (Sahut *et al.*, 2021). Mesmo enfrentando condições institucionais adversas (Cao & Shi, 2021; Mair & Marti, 2009) que podem afastá-los do mercado e da atividade empreendedora, argumenta-se que a lógica *effectuation* permite que as atividades sejam minimamente mantidas e, em última estância, fortalecidas.

Enfatiza-se a contribuição da bricolagem para a legitimação dos atos perpetrados por empreendedores que buscam superar a escassez de recursos em seu ambiente (Fisher, 2012). Uma vez promulgada, a bricolagem pode abranger um dos cinco domínios possíveis de serem impactados: a) recursos físicos; b) de trabalho; c) de habilidades; d) de clientes; e) institucionais ou regulatórios (Baker & Nelson, 2005). Tanto a bricolagem quanto o *effectuation* podem ser observados sob uma ótica que os posiciona como atividades que favorecem o crescimento e desenvolvimento dos empreendimentos locais (Stenholm & Renko, 2016), uma vez que é possível que materiais sem uso aparente sejam utilizados – recursos físicos. Supõe-se também a oferta de oportunidades de trabalho a fornecedores e outros – trabalho –, permitindo e fomentando o uso de mão de obra amadora, autodidata ou sem profissionalização formal – habilidades. Por fim, empreendimentos podem prover produtos ou serviços que antes estavam indisponíveis – clientes –, promovendo a inovação por meio de empreendedores que podem sequer reconhecer as normas e imposições vigentes – aspectos institucionais ou regulatórios (Fisher, 2012).

Cogita-se que a popularização das abordagens empreendedoras emergentes pode, entre outros fatores, ampliar o acesso de pequenos empreendimentos a recursos disponibilizados por instituições públicas e privadas, como instituições governamentais e universitárias que possuam projetos de apoio e fomento ao empreendedorismo. Ressalta-se que apoio governamental para a atividade empreendedora é amplamente citado na literatura como condicionante à maior inovação (Fuerlinger, Fandl & Funke, 2015). Entretanto, os pequenos negócios brasileiros recorrentemente enfrentam barreiras que inviabilizam o apoio governamental em seus empreendimentos, sejam eles derivados de incompatibilidade entre infraestrutura e editais de fomento ou relativos ao acesso à capital intelectual interno e externo ao empreendimento inovador (Cunha, Moreira Silva, Guimarães & Gimenez, 2022).

Quanto à universidade, a legitimação das abordagens emergentes pode aumentar o acesso dos empreendimentos ao conhecimento produzido na academia. Aqueles em fase inicial podem, como exemplo, aproximar-se da

universidade e acessar redes de apoio para aumentarem seu impacto social e ambiental, além de ter contato com tecnologias em estágio inicial de desenvolvimento, provendo compartilhamento de conhecimentos em via dupla.

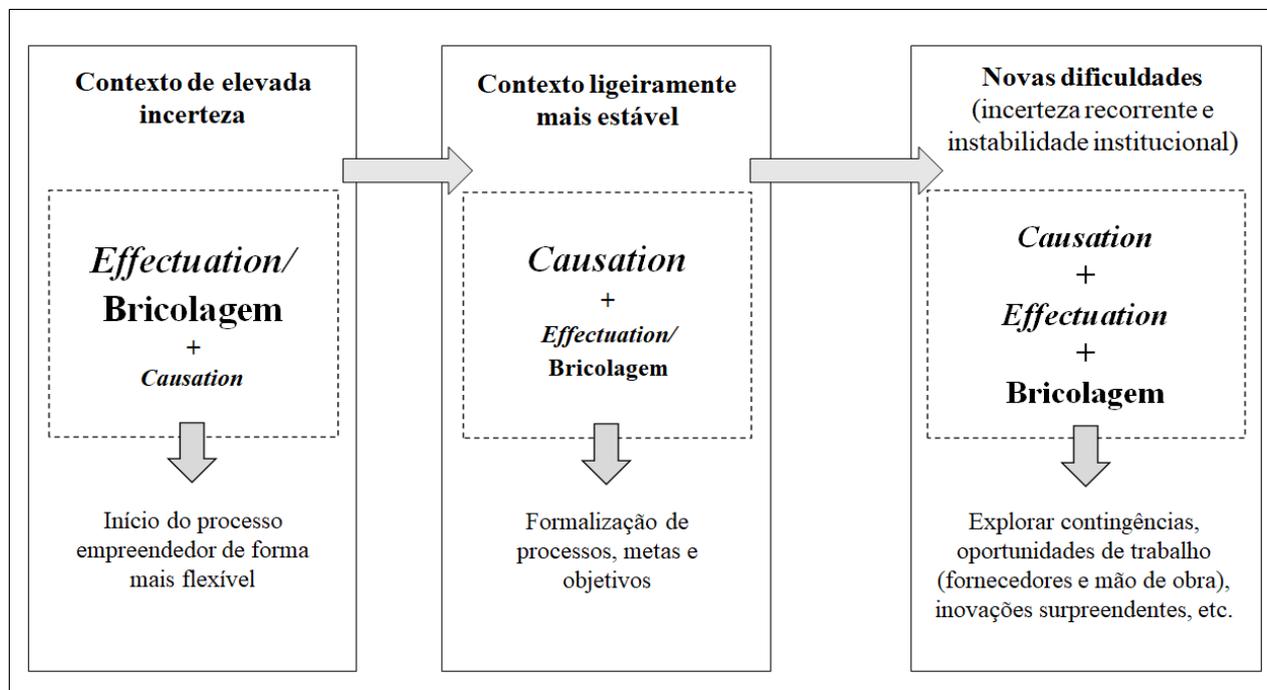
Na mesma linha, a lógica *effectuation* pode até mesmo conduzir os empreendedores brasileiros em uma rota não necessariamente ausente de racionalidade, mas que mantenha uma forma estruturada. Em vias de se tornarem empreendedores por necessidade (Amorós *et al.*, 2019), eles podem optar por rotas mais flexíveis, mas pautadas por estratégias reconhecidamente eficientes, para iniciarem seus empreendimentos e, eventualmente, desenvolverem-se em organizações complexas baseadas em planejamento – *causation* (An *et al.*, 2020) – ou que evite a inércia e aprisionamento – bricolagem paralela – após consolidação do processo de bricolagem (Baker & Nelson, 2005). Com isso, tais empreendedores escapam do enclausuramento da operação ausente de estratégia (Hauser *et al.*, 2020) e, ao mesmo tempo, evitam a propagação do chamado empreendedorismo não produtivo (*non productive*) – atividades imersas em um contexto institucional fraco, pautado apenas por relacionamentos informais que favorecem o comportamento míope dos empreendedores, como a falta de treinamentos formais e a superestimação da própria agência (Matos & Hall, 2020).

Em suma, supõe-se que a popularização e legitimação da *effectuation* como possibilidade de análise de trajetória empreendedora pode auxiliar no afastamento de possíveis empreendedores pela busca do autoemprego, opção já turva em meio às quebras de paradigmas proporcionadas pelas ferramentas digitais (Sahut *et al.*, 2021). Por fim, caso o autoemprego seja a única oportunidade observada, que ela possa ser vivenciada de forma a contribuir para novas formas de se reconhecer e utilizar recursos que irão proporcionar crescimento ao empreendimento e inovações – surpreendentes ou não –, aspectos próprios da bricolagem (Baker & Nelson, 2005).

A Figura 1 ilustra a aplicação das novas abordagens empreendedoras ao Brasil, proporcionando uma atuação híbrida entre as três – *causation*, *effectuation* e bricolagem – e algumas de suas consequências.

Figura 1

Processo de aproximação e utilização das abordagens empreendedoras emergentes no contexto nacional



Nota: elaborada pelos autores.

Considerações finais

Buscou-se, neste ensaio, argumentar que as abordagens emergentes em empreendedorismo, como *effectuation* e bricolagem, podem ser observadas como alternativas viáveis para os processos empreendedores que se iniciam

em território brasileiro. Por meio de um resgate socioeconômico do país, foi debatido o quanto ações empreendedoras vistas sob uma ótica mais flexível e que leve em conta a instabilidade do ambiente nacional podem auxiliar empreendedores potenciais e locais.

De forma geral, apurou-se que o desenvolvimento da lógica *effectuation* até o momento permite posicionar a abordagem como um tipo de ação (Grégoire & Cherchem, 2020) que pode ser visualizada de forma concomitante ou complementar à sua contraparte, *causation* (An *et al.*, 2020; Sarasvathy, 2001) tomando-as como específicas a diferentes momentos do processo empreendedor ou onde se inserem (Hubner *et al.*, 2022). Também é possível estabelecer tal relação entre *effectuation*, *causation* e bricolagem (An *et al.*, 2020) de forma não antagonista (Fisher, 2012). Entretanto, são escassos os estudos que avaliam o processo de *effectuation* local ou específico (Hubner *et al.*, 2022), assim como o são estudos que levem em consideração cenários que exibam grande incerteza ou restrição de recursos (Grégoire & Cherchem, 2020; McKelvie *et al.*, 2020). Dessa forma, a pesquisa em empreendedorismo, assim como a prática local, pode ficar em desacordo com o próprio ambiente no qual ocorre.

Procurou-se mostrar que a natureza flexível de ambas as abordagens, principalmente para a utilização de recursos escassos, pode gerar contribuições ao empreendedorismo nacional de maneira teórica e prática. Em relação aos aspectos teóricos, mais afeitos à pesquisa no campo do empreendedorismo, estão as possibilidades de maior contextualização (Johns, 2006; 2018) do fenômeno empreendedor, lacuna teórica amplamente reconhecida e ainda não endereçada pelos estudos do campo, em que muitos ainda buscam a reprodução de modelos advindos de economias distintas às economias emergentes (Welter *et al.*, 2019). Além disso, cita-se a possibilidade de se observar a atividade empreendedora como um processo a partir de eventos sequenciados (McMullen & Dimov, 2013; Van de Ven, 2007). Cogita-se que tais considerações favorecem um empreendedorismo mais semelhante àquele que de fato ocorre no Brasil, incluindo-se aqui a figura do chamado empreendedor ordinário (Sarasvathy *et al.*, 2015).

Em termos práticos, a visualização do processo empreendedor por meio de *effectuation* ou bricolagem, concomitantemente às estratégias causais, podem gerar novos ganhos socioeconômicos, incluindo o uso de recursos que antes não eram utilizados e até mesmo novos produtos e serviços que não eram ofertados de outra forma (Baker & Nelson, 2005). Também, é possível que até mesmo aqueles indivíduos que buscam o autoemprego por meio do uso das novas ferramentas e plataformas digitais (Sahut *et al.*, 2021) encontrem caminhos menos tortuosos, uma vez que seu processo é mais flexível, mas não necessariamente ausente de lógica e sujeito a aprisionamentos que prejudicam o crescimento do projeto (An *et al.*, 2020; Grégoire & Cherchem, 2020; Hauser *et al.*, 2020).

Nesse sentido, infere-se que a legitimação do uso da lógica *effectuation* – principalmente como aspecto estratégico para acesso a recursos e utilização durante o início do processo empreendedor – e da bricolagem – como ação prática ou forma de se estabelecerem processos organizacionais e empreendedores – possa contribuir para uma atividade empreendedora nacional mais específica, de forma a assimilar em maior escala algumas das inúmeras dificuldades que os empreendedores locais possuem. Reconhece-se, ainda, a importância da lógica causal, mas em situações específicas, como momentos de mais previsibilidade e possibilidades de acesso a recursos.

Em outras palavras, a proposta deste estudo é contribuir para ampliar a análise do processo empreendedor a partir da compreensão das lógicas *effectuation* e bricolagem, reconhecendo que no estágio inicial do negócio, principalmente em economias menos desenvolvidas, os empreendedores utilizam recursos próximos e pouco institucionalizados no seu processo decisório. Sem desconsiderar a importância e a contribuição da lógica *causation* para o processo empreendedor, mais planejada e mensurada em termos de viabilidade, o fato é que a literatura tem mostrado como as decisões empreendedoras estão sujeitas a elementos mais abstratos – quem eu sou, o que eu sei, quem eu conheço – incluindo condições do entorno para melhor compreender o empreendedorismo.

Por fim, sugere-se que estudos futuros problematizem como as abordagens emergentes em empreendedorismo estão sendo utilizadas por empreendedores nacionais. É interessante conhecer, por exemplo, se a utilização do *effectuation* ou bricolagem está presente em ecossistemas específicos e localizados no território nacional ou se o

uso das abordagens mais flexíveis pode ser relacionado à movimentação dos empreendimentos pelo país, como nas mudanças em busca de mercados mais ativos, majoritariamente localizados na região Sudeste. Além disso, as plataformas digitais se aperfeiçoam constantemente e possibilitam que tais empreendedores se comuniquem e utilizem conhecimentos e informações oriundos de regiões diversas.

Dessa forma, é possível que existam redes de apoio específicas para projetos com dificuldades de acesso a recursos. Compreender como esse apoio é efetivado pode aumentar a compreensão dos pesquisadores do campo de empreendedorismo sobre como ele ocorre dentro de seu próprio país.

Referências

- Acs, Z. J., Stam, E., Audretsch, D. B., & O'Connor, A. (2017). The lineages of the entrepreneurial ecosystem approach. *Small Business Economics*, 49(1), 1–10. <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9864-8>.
- Amorós, J. E., Ciravegna, L., Mandakovic, V., & Stenholm, P. (2019). Necessity or Opportunity? The Effects of State Fragility and Economic Development on Entrepreneurial Efforts. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 43(4), 725–750. <https://doi.org/10.1177/1042258717736857>
- An, W., Rüling, C.-C., Zheng, X., & Zhang, J. (2020). Configurations of effectuation, causation, and bricolage: implications for firm growth paths. *Small Business Economics*, 54(3), 843–864. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00155-8>.
- Audretsch, D. B., Cunningham, J. A., Kuratko, D. F., Lehmann, E. E., & Menter, M. (2019). Entrepreneurial ecosystems: economic, technological, and societal impacts. *Journal of Technology Transfer*, 44(2), 313–325. <https://doi.org/10.1007/s10961-018-9690-4>.
- Baker, T., & Nelson, R. E. (2005). Creating something from nothing: Resource construction through entrepreneurial bricolage. *Administrative Science Quarterly*, 50(3), 329–366. <https://doi.org/10.2189/asqu.2005.50.3.329>.
- Baker, T., & Welter, F. (2018). Contextual entrepreneurship: An interdisciplinary perspective. *Foundations and Trends in Entrepreneurship*, 14(4), 357–426. <https://doi.org/10.1561/03000000078>.
- Battilana, J., Leca, B., & Boxenbaum, E. (2009). How actors change institutions: Towards a theory of institutionale Entrepreneurship. *The Academy of Management Annals*, 3(1), 65–107. <https://doi.org/10.1080/19416520903053598>.
- Benneworth, P. (2004). In what sense “regional development?”: Entrepreneurship, underdevelopment and strong tradition in the periphery. *Entrepreneurship and Regional Development*, 16(Issue 6), 439–458. <https://doi.org/10.1080/0898562042000249786>.
- Brush, C. G., Gieene, P. G., & Hait, M. M. (2001). From initial idea to unique advantage: The entrepreneurial challenge of constructing a resource base. *Academy of Management Executive* 15(1).
- Cao, Z., & Shi, X. (2021). A systematic literature review of entrepreneurial ecosystems in advanced and emerging economies. *Small Business Economics*, 57(1), 75–110. <https://doi.org/10.1007/s11187-020-00326-y>.
- Cunha, N. G., Moreira Silva, J. P., Guimarães, L. de O., & Gimenez, F. A. P. (2022). Effects of support from innovation and development agencies: a case study on companies awarded by Tecnova 13/2013 – FAPEMIG. *Desenvolvimento em Debate*, 10(1). <https://doi.org/10.51861/ded.dmvdo.1.009>.
- DataSebrae. (2023). *Pesquisa GEM - Global Entrepreneurship Monitor*. DataSebrae. Retrieved from <https://datasebrae.com.br/pesquisa-gem/>.
- Economic Commission for Latin America and the Caribbean - ECLAC. (2022). *A digital path for sustainable development in Latin America and the Caribbean*. Retrieved from: www.issuu.com/publicacionescepal/stacks.
- Elfring, T., & Hulsink, W. (2003). Networks in Entrepreneurship: The Case of High-technology Firms. *Small Business Economics*, 21(4), 409–422. <https://doi.org/10.1023/A:1026180418357>.
- Fabris, J., Aoki, V. C. G., Machado, H. P. V., & Carvalho, C. E. (2021). Motivadores da imersão em redes e abordagens empreendedoras causal e effectual. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 20(1). <https://doi.org/10.5585/riae.v20i1.17574>.
- Feger, J. E., Dos, R., Vieira, S., & Chemin, M. (2016). Relação entre as características centrais empreendedoras e o processo de criação de empresas: um estudo exploratório. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, 15(3), 1035–1064. <https://doi.org/10.18593/race.v15i3.8875>.
- Ferreira, K. F. O., Guimarães, L. de O., Salume, P. K., & Doyle, M. L. de F. C. P. (2022). Analysis of the entrepreneurial process from effectuation and causation logic: a case study in two companies from Minas Gerais. *Revista de Administração da UFSM*, 15(1), 83–104. <https://doi.org/10.5902/1983465964831>.

- Fisher, G. (2012). Effectuation, causation, and bricolage: A behavioral comparison of emerging theories in entrepreneurship research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(5), 1019–1051. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2012.00537.x>.
- Fritsch, M., & Storey, D. J. (2014). Entrepreneurship in a regional context: Historical roots, recent developments and future challenges. *Regional Studies*, 48(6), 939–954. <https://doi.org/10.1080/00343404.2014.892574>.
- Fuerlinger, G., Fandl, U., & Funke, T. (2015). The role of the state in the entrepreneurship ecosystem: insights from Germany. *Triple Helix*, 2(1), 3. <https://doi.org/10.1186/s40604-014-0015-9>.
- Gomes, J. de, Paiva Júnior, F. G., & Xavier Filho, J. L. J. (2019). A ação empreendedora de produtores de jogos independentes inspirada no effectuation. *REGPEPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 8(2), 272–291. <https://doi.org/10.14211/regepe.v8i2.1147>.
- Grégoire, D. A., & Cherchem, N. (2020). A structured literature review and suggestions for future effectuation research. *Small Business Economics*, 54(3), 621–639. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00158-5>.
- Hauser, A., Eggers, F., & Guldenberg, S. (2020). Strategic decision-making in SMEs: effectuation, causation, and the absence of strategy. *Small Business Economics*, 54(3), 775–790. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00152-x>.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2017). *Entrepreneurship* (10. ed.). McGraw-Hill Education.
- Hubner, S., Most, F., Wirtz, J., & Auer, C. (2022). Narratives in entrepreneurial ecosystems: drivers of effectuation versus causation. *Small Business Economics*, 59(1), 211–242. <https://doi.org/10.1007/s11187-021-00531-3>.
- Hwang, H., & Powell, W. W. (2005). Institutions and Entrepreneurship. In: S. A. Alvarez, R. Agarwal, & O. Sorenson (Eds.). *Handbook of entrepreneurship research* (pp. 210–232). Springer US. <https://doi.org/10.1007/b102106>.
- Inácio Júnior, E., Autio, E., Morini, C., Gimenez, F. A. P., & Dionisio, E. A. (2016). Analysis of the Brazilian entrepreneurial ecosystem. *Desenvolvimento Em Questão*, 14(37), 5. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2016.37.5-36>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020a). *Agenda IBGE Notícias*. PIB cai 1,5% no 1o trimestre de 2020. Recuperado de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27837-pib-cai-1-5-no-1-trimestre-de-2020>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020b). *Pesquisa pulso empresa: impacto da Covid-19 nas empresas*. Recuperado de: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/28291-pesquisa-pulso-empresa-impacto-da-covid-19-nas-empresas.html?edicao=28292&t=o-que-e>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2023). *PNAD Contínua. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Recuperado de: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea. (2023). *Indicador Ipea de inflação por faixa de renda*. Recuperado de: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/tag/indicador-ipea-de-inflacao-por-faixa-de-renda/>.
- Johns, G. (2018). Advances in the treatment of context in organizational research. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 5(1), 21–46. <https://doi.org/10.1146/annurev-orgpsych-032117-104406>.
- Johns, G. (2006). The essential impact of context on organizational behavior. In Source: *The Academy of Management Review*, 31(Issue 2).
- Lima, E. de O. (2022). Entrepreneurship in non-schumpeterian (or alternative) ways: Effectuation and bricolage to overcome crises. *REGPEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*. <https://doi.org/10.14211/ibjesb.e2344>.
- Mair, J., & Marti, I. (2009). Entrepreneurship in and around institutional voids: A case study from Bangladesh. *Journal of Business Venturing*, 24(5), 419–435. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.04.006>.
- Matos, S., & Hall, J. (2020). An exploratory study of entrepreneurs in impoverished communities: when institutional factors and individual characteristics result in non-productive entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 32(1–2), 134–155. <https://doi.org/10.1080/08985626.2019.1640476>.
- McKelvie, A., Chandler, G. N., DeTienne, D. R., & Johansson, A. (2020). The measurement of effectuation: highlighting research tensions and opportunities for the future. *Small Business Economics*, 54(3), 689–720. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00149-6>.
- Mcmullen, J. S., & Dimov, D. (2013). Time and the entrepreneurial journey: The problems and promise of studying entrepreneurship as a process. *Journal of Management Studies*, 50(8), 1481–1512. <https://doi.org/10.1111/joms.12049>.
- Meyer, J. W. (2010). World society, institutional theories, and the actor. *Annual Review of Sociology*, 36, 1–20. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102506>.

- Muñoz, P., Kimmitt, J., & Spigel, B. (2023). Trans-contextual work: doing entrepreneurial contexts in the periphery. *Small Business Economics*. <https://doi.org/10.1007/s11187-023-00772-4>.
- Perry, J. T., Chandler, G. N., & Markova, G. (2012). Entrepreneurial effectuation: A review and suggestions for future research. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(4), 837–861. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00435.x>.
- Ricciardi, F., Rossignoli, C., & Zardini, A. (2021). Grand challenges and entrepreneurship: Emerging issues, research streams, and theoretical landscape. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 17(4), 1673–1705. <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00771-5>.
- Sahut, J. M., Iandoli, L., & Teulon, F. (2021). The age of digital entrepreneurship. *Small Business Economics*, 56(3), 1159–1169. <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00260-8>.
- Sarasvathy, S. D. (2001). Causation and effectuation: Toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency. *The Academy of Management Review*, 26(2), 243. <https://doi.org/10.2307/259121>.
- Sarasvathy, S. D., & Dew, N. (2005). New market creation through transformation. *Journal of Evolutionary Economics*, 15:5, 15(5), 533–565. <https://doi.org/10.1007/S00191-005-0264-X>.
- Sarasvathy, S. D. (2003). Entrepreneurship as a science of the artificial. *Journal of Economic Psychology*, 24(2), 203–220. [https://doi.org/10.1016/S0167-4870\(02\)00203-9](https://doi.org/10.1016/S0167-4870(02)00203-9).
- Sarasvathy, S. D., Ramesh, A., & Forster, W. (2015). *The ordinary entrepreneur*. The Routledge Companion to Entrepreneurship. Routledge.
- Scott, W. R. (2013). *Institutions and organizations ideas, interests, and identities*. Sage. (4. ed.). <https://us.sagepub.com/en-us/nam/institutions-and-organizations/book237665#description>.
- Shepherd, D. A. (2019). Researching the dark side, downside, and destructive side of entrepreneurship: It is the compassionate thing to Do! *Academy of Management Discoveries*, 5(3), 217–220. <https://doi.org/10.5465/AMD.2018.0194>.
- Society for Effectual Action. (2023). The five principles of effectuation. Retrieved from: <https://effectuation.org/the-five-principles-of-effectuation#BirdinHandSummary>.
- Spigel, B., & Harrison, R. (2018). Toward a process theory of entrepreneurial ecosystems. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 12(1), 151–168. <https://doi.org/10.1002/sej.1268>.
- Stenholm, P., & Renko, M. (2016). Passionate bricoleurs and new venture survival. *Journal of Business Venturing*, 31(5), 595–611. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2016.05.004>.
- Sussan, F., & Acs, Z. J. (2017). The digital entrepreneurial ecosystem. *Small Business Economics*, 49(1), 55–73. <https://doi.org/10.1007/s11187-017-9867-5>.
- Thurik, A. R., Audretsch, D. B., Block, J. H., Burke, A., Carree, M. A., Dejardin, M., Rietveld, C. A., Sanders, M., Stephan, U., & Wiklund, J. (2023). The impact of entrepreneurship research on other academic fields. *Small Business Economics*. <https://doi.org/10.1007/s11187-023-00781-3>.
- Vale, G. M. V. (2015). Fatores condicionantes do empreendedorismo: redes sociais ou classes sociais? *Organizações & Sociedade*, 22(75), 583–602. <https://doi.org/10.1590/1984-9230756>.
- Van de Ven, A. H. (2007). Engaged scholarship: A guide for organizational and social research. Oxford University Press. Recuperado de: http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=s5C3k5G_0KMC&oi=fnd&pg=PR7&dq=Engaged+Scholarship+A+Guide+for+Organizational+and+Social+Research&ots=E1QgXPGAEr&sig=gupmn9PsQa6L-HTVbC44l3xT46o
- Welter, F., Baker, T., & Wirsching, K. (2019). Three waves and counting: the rising tide of contextualization in entrepreneurship research. *Small Business Economics*, 52(2), 319–330. <https://doi.org/10.1007/s11187-018-0094-5>
- Welter, F. (2011). Contextualizing entrepreneurship: Conceptual challenges and ways forward. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 35(1), 165–184. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00427.x>.
- World Bank. (2021). Renewing with growth. Washington, DC: World Bank. <https://doi.org/10.1596/978-1-4648-1711-3>.
- Zahra, S. A. (2021). The Resource-Based View, Resourcefulness, and Resource Management in Startup Firms: A Proposed Research Agenda. *Journal of Management*, 47(7), 1841–1860. <https://doi.org/10.1177/01492063211018505>.

Agradecimentos

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e ao Fundo de Incentivo à Pesquisa da PUC Minas (FIP/PUC Minas), pelo suporte financeiro para a pesquisa deste artigo.